

TEXTOS

ENTRE TÓXICOS E MANIAS

Eduardo Mendes Ribeiro*

RESUMO

As concepções psicanalíticas de Freud e Lacan acerca da mania são utilizadas, neste artigo, para apresentar um entendimento da relação que se estabelece, atualmente, entre um sintoma social maníaco e determinadas modalidades de consumo de drogas que tendem a produzir estados de dependência. Também são relativizadas e contextualizadas as práticas de consumo de drogas que visam à produção de melhores condições de inserção social.

PALAVRAS-CHAVE: *toxicomania, mania, subjetividade contemporânea.*

BETWEEN DRUGS AND MANIAS

ABSTRACT

The psychoanalytic conceptions of Freud and Lacan about mania are used in this article to present an understanding of the relation that is established today between a maniac social symptom and certain modalities of drug consumption that tend to produce states of dependency. Also, drug consumption that aims at producing better conditions of social insertion are relativized and put into context.

KEYWORDS: *drug addiction, mania, contemporary subjectivity.*

* Psicanalista e antropólogo; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA); Mestre em Filosofia (PUC/RS); Doutor em Antropologia Social (UFRGS); Professor da FFCH da PUCRS; Consultor do Ministério da Saúde na Política Nacional de Humanização do SUS. E-mail: eduardomribeiro@uol.com.br.

T*oxicomania* é um termo usado para designar o estado de dependência de drogas. *Tóxico* vem do grego *toxicon*, significando “veneno”. *Mania*, por sua vez, possui uma série de significados distintos, que vão de “loucura” até algum tipo de “excentricidade”, passando pela noção de “dependência”.

Toxicomania, portanto, é um substantivo que designa uma forma curiosa de relação que se estabelece entre um maníaco e um veneno, ou o estado de um maníaco por veneno. Seja como for, entendido desta forma, é coisa de louco: ficar dependente de veneno.

E era assim que os toxicômanos eram tratados até 20 ou 30 anos atrás: eram internados em hospitais psiquiátricos, sem qualquer programa de tratamento que reconhecesse e procurasse entender a especificidade de sua loucura.

Mas *mania* possui também uma significação mais precisa no campo psicanalítico. Para Freud, tratava-se de uma neurose narcísica em que ocorre uma peculiar relação entre o eu e o supereu, ou seja, ao contrário da melancolia, onde o eu permanece submetido às críticas ferozes do supereu, na mania estas duas instâncias psíquicas se reconciliam, ou acontece de o eu ficar colado a seu ideal.

O efeito desta situação é descrito por Freud ([1917] 1980) como “imagem de triunfo do eu”, e se manifesta através de estados de euforia, em que o sujeito aparentemente se interessa por tudo o que está a sua volta – indivíduos ou coisas – *sem no entanto se fixar em nada*. Ou seja, quando os ideais perdem seu valor de referência, não há mais critérios para orientar as escolhas: qualquer coisa pode ser interessante.

Estes estados dificilmente se mantêm por muito tempo, sendo comum sua alternância com períodos depressivos ou melancólicos. Foi baseada nesta constatação que os primeiros estudos analíticos atentaram para as semelhanças existentes entre as relações subjetivas produtoras de melancolia e as que produzem mania, especialmente no que se refere aos efeitos decorrentes da perda de um objeto de amor, ou da relação que se estabelece com as instâncias ideais.

Assim, frente a uma perda (algo importante: uma pessoa amada, um trabalho, um ideal...), pode-se tanto assumir este sofrimento radicalmente, como na melancolia, quanto negá-lo, como na mania. Em ambos os casos, entretanto, ocorre uma desvitalização do mundo, ou seja, uma ruptura no processo histórico de construção de relações e sentidos.

Lacan (1963), a este respeito, afirma que o que está em jogo na mania é a não-função do objeto a e, não, simplesmente, seu desconhecimento. O que quer dizer que o sujeito deixa de se referenciar a sua história (suas marcas e faltas), ao modo particular como ele se constituiu enquanto sujeito, e passa a se entregar à “metonímia infinita e lúdica da cadeia significante”.

Trata-se de uma forma de estabelecer relações, em grande parte sintônica com o sintoma social contemporâneo. Afinal, sabemos o quanto nossa sociedade, em sua modernidade, passou a desvalorizar sua herança, sua história, instituindo um culto ao bem-estar presente, atual. Contemporaneamente, em um contexto pós-moderno, globalizado, *high-tech*, não surpreende que impere esta “metonímia infinita e lúdica da cadeia significante”, e sua associação a uma sucessão de imagens. Sem uma amarra no passado, sem o reconhecimento da função ordenadora das referências simbólicas que fundam as subjetividades, o presente se eterniza na fluidez destas imagens.

É importante que se perceba, entretanto, que não se trata de uma hipervalorização do imaginário, mas, sim, ao contrário, de sua inconsistência. Se nós temos dificuldade para lastrear o objeto, como dizia Lacan, ou para erigir um ideal-do-eu que funcione enquanto referência simbólica, como apontava Freud, o que nos resta é nos lançarmos em uma busca interminável por qualquer coisa que, imaginariamente, nos assegure um lugar e um reconhecimento social.

Já em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, Freud ([1921] 1980) apontava para o fato de que, como cada homem pertencia simultaneamente a diversos grupos sociais, a construção de um ideal-do-eu poderia se dar segundo os modelos mais variados, tentando conciliar ou negociar várias referências. Ora, por outro lado, o ideal-do-eu, em sua associação com o supereu, representa a soma de todas as limitações que o eu deve respeitar.

Em sendo assim, poderíamos supor que, em qualquer circunstância, somos capazes de encontrar uma referência em um grupo, ou em um discurso, de tal forma que nossas inclinações e impulsos sejam legitimados. Ou seja, atualmente não parece ser muito difícil produzir uma conciliação entre o eu e o ideal-do-eu, bastando para isso acionar a representação ideal conveniente. Não faltam discursos para legitimar tanto nossos arroubos hedonistas, quanto nossos ideais ascéticos; tanto nossos projetos de futuro, quanto nossa disposição de viver o presente; tanto nossos investimentos em trocas afetivas, quanto o direito de buscar a *nossa* felicidade. O que está em jogo é a forma como encaramos nossas limitações, como lidamos com as inevitáveis restrições a que somos submetidos em nossas relações sociais. Como não dá para ter tudo, ou para fazer tudo, sempre encontramos um discurso que justifique nossa forma de gozar, ou mesmo nossa ausência de gozo.

Freud ([1930] 1980) comparava o sentido da mania com o de certas festas, como o carnaval, que tinham como objetivo possibilitar que as pessoas pudessem transgredir proibições que normalmente respeitavam. Ele entendia este fenômeno como uma estratégia para assegurar a estabilidade social, pois reconhecia haver um limite na tolerância dos homens à frustra-

ção. De vez em quando, seria necessário driblar as restrições impostas pela sociedade, e ter acesso a um gozo usualmente interdito.

Atualmente, entretanto, esta estratégia parece deixar de ser necessária na medida em que se estabelece uma tendência maníaca no âmbito das relações sociais. A principal diferença, e isto já era apontado por Freud, é que as festas liberatórias mantinham-se referenciadas a um quadro simbólico, enquanto a mania convoca o sujeito a uma deriva imaginária (metonímia infinita e lúdica).

Considerando especificamente a toxicomania, esta é uma das observações que nos ajudam a entender as razões pelas quais alguns usuários de drogas se tornam dependentes, e outros, não. Enquanto o uso de drogas permanece definido a partir das condições simbólicas que estabelecem um laço social, a droga não se eterniza no papel principal. São vários os exemplos de rituais em que o consumo de drogas é socialmente controlado, mesmo nas sociedades contemporâneas. São aqueles dias marcados para tomar um chopp com os amigos, ou aquelas festas em que se extrapola um pouco... Mas quando este uso passa a constituir um recurso individual para a produção de “melhores condições de sensibilidade” (Freud [1930] 1980), as relações de alteridade correm o risco de se fragilizar, e a relação com a droga pode se tornar cada vez mais exclusiva. Nestas circunstâncias, não se precisa mais do Outro para gozar.

Muito se tem falado sobre os efeitos provocados pelo *ethos* individualista que marca nossa contemporaneidade, e sobre os impasses subjetivos que derivam de uma concepção de liberdade, entendida como independência, e expressa no ideal de fazer-se por si. Em um contexto social deste tipo, em que as referências paternas, ou seja, aquilo que alguém reconhece como o que compõe sua fundação enquanto sujeito, mostram-se difusas e/ou frágeis, e em que a oferta de imagens identificatórias prolifera, é fácil entender que muitos sujeitos padeçam de um sentimento de incerteza e instabilidade, algo próximo do desamparo infantil.

A sedução exercida pelo uso de certas drogas, atualmente, pode ser entendida como uma tentativa de encontrar um objeto externo capaz de apaziguar nossas inquietações, ou dotar-nos do poder necessário para o exercício de uma vida social satisfatória. Neste sentido, cada vez menos as drogas parecem estar sendo usadas para “abrir a cabeça”, numa busca pela “iluminação”, ou pelo “autoconhecimento”, como acontecia há algumas décadas atrás. Hoje, é mais comum encontrarmos o uso de drogas associado, ou a certas experiências de desligamento do mundo, em que se estabelecem cumplidades em torno de determinado estilo de vida; ou, pelo contrário, a tentativas de otimizar desempenhos sociais. Em ambos os casos, trata-se de es-

estratégias para contornar as dificuldades da vida em sociedade.

A este respeito, Alain Ehrenberg (1991), sociólogo francês que escreveu um livro chamado *O Culto da Performance*, faz algumas indicações interessantes. Segundo ele, o fato de vivermos em uma sociedade extremamente competitiva e seletiva, tornou nossa cultura uma cultura da ansiedade. Com isso, as pessoas passaram a procurar nas drogas, não mais um efeito sedativo, e, sim, um efeito estimulante, capaz de ajudá-las a produzir uma melhor integração social.

Se as drogas tradicionais permitiam uma evasão em uma irrealidade, certas drogas contemporâneas nos fazem afrontar a realidade. Neste sentido, a tendência observada seria não a de buscar prazer ou diversão, mas o alívio das responsabilidades, quando estas se tornam muito pesadas.

Para fundamentar sua interpretação, Ehrenberg cita esta distinção proposta por um guia francês de medicamentos: “Dopar-se não é se drogar. Drogar-se significa uma rejeição, uma recusa do mundo real, uma ação suicidária, uma fuga insensata nos limites imaginários da despersonalização. Dopar-se, no mundo moderno, representa um processo de integração social talvez indispensável, uma arma para afrontar o real” (Voir, 1989, p.260; tradução do autor).

Esta mudança é confirmada por diversos profissionais que se dedicam ao atendimento de toxicômanos, na França. Um dos médicos que atendem no Hospital Saint-Anne, por exemplo, dava o seguinte depoimento: “Nos últimos quinze anos, os toxicômanos se modificaram, e os *junkies* marginais, agressivos e provocadores deram lugar a toxicômanos bem mais convencionais em suas atitudes, em sua linguagem, e mesmo em seu desejo de inserção social” (Ehrenberg, 1991, p.262).

Mesmo considerando que as modalidades de consumo de drogas na França sejam diferentes das que encontramos por aqui, o crescente e generalizado uso de anfetaminas e antidepressivos reforça a idéia de que esta tendência não seja exclusiva de qualquer país.

Entretanto, se é verdade que tem aumentado significativamente o uso de drogas como estratégia de automedicação do sofrimento psíquico, também é verdade que, “entre tóxicos e manias”, encontram-se sujeitos singulares, com circunstâncias, marcas e ideais únicos.

Um adolescente que fuma uns baseados ou toma uma bebedeira de vez em quando pode estar experimentando estas pequenas transgressões por várias razões diferentes, relacionadas a sua situação familiar, ao grupo de amigos de que faz parte (ou de que gostaria de fazer), à forma como vem enfrentando suas inibições, às pressões que vem recebendo, ao estilo de vida que pode estar associado ao consumo daquela droga, etc.

Um adulto, bem sucedido na vida, mas saudoso de seu passado

contestador, pode sentir-se muito bem colocando alguns velhos discos (vinil) na “eletrola”, e acendendo um baseado. Outro, que vive a vida em alta rotação, pode ter dificuldade para prescindir de uma dose de whisky, ou mesmo de uma carreira de cocaína, de vez em quando.

Mas, aceitando-se esta análise, qual seria o problema? Por que as pessoas não poderiam recorrer a certas drogas para melhorar suas condições de vida?

De um ponto de vista psicanalítico, isto é perfeitamente possível. E, de qualquer forma, não nos cabe orientar ou criticar as formas de gozo de ninguém. Mas a experiência clínica com dependentes de drogas nos mostra que muitos dos que nos procuram sofrem por ter estabelecido um tipo de relação com as drogas que faz com que tenham muita dificuldade para encontrar alternativas para mudar certos aspectos indesejados de suas vidas.

Charles Melman (1997) nos ajuda a entender o porquê de o uso de drogas se tornar, muitas vezes, um problema, lembrando que nossa dor de existir é motivada pelo fato de que o mundo de que fazemos parte é um mundo de substituição, de substitutos, de semblantes. O eu é um semblante, a pessoa que amamos é um semblante, as coisas que desejamos são semblantes. E isto certamente não nos conduz a um estado de felicidade permanente, pois não encontramos um objeto, ou alguém, que seja capaz de nos satisfazer plenamente.

O problema é que quem pensa poder tratar a dor de existir recorrendo ao uso de drogas não sabe que corre o risco de trocar uma economia psíquica regida pela linguagem por outra, regida pelo signo. A primeira é a que nos constitui enquanto sujeitos, sendo marcada por sucessivos deslizamentos de sentido e de valor, enquanto a escritura de signos segue uma lógica muito mais elementar, rudimentar, sendo reduzida aos signos que vão conotar a presença e a ausência, o mais e o menos, o zero e o um. Trata-se da tentativa de exercer um controle sobre o objeto da falta, de querer dominar a oscilação entre o desejo e o gozo.

Nessa troca, o sujeito pode, progressivamente, se tornar estrangeiro ao laço social, organizado pelo discurso. É este sujeito empobrecido em suas possibilidades de relações com o Outro, reduzido ao exercício de um ilusório controle sobre sua falta, que precisa de ajuda.

Na mesma direção do que é apontado por Melman, é possível perceber, na clínica com usuários de drogas, uma grande dificuldade de romper com os sentidos cristalizados. Para estes sujeitos, não é só a droga que assume este caráter sógnico, mas o conjunto de suas relações. Muitas vezes influenciados pela difusão das teorias psicanalíticas, eles chegam contando uma história, a sua história, já completamente interpretada, estando estabelecida

a divisão do que cabe a seus pais, do que cabe a ele e a quem mais participou de sua história, na partilha das responsabilidades por suas dificuldades atuais. Os sentidos estão fechados e os deslizamentos esbarram em fortes resistências.

Quando o que importa é a dimensão imaginária vivenciada através da relação com a droga, o Outro só atrapalha. Para o toxicômano, o ideal seria manter uma distância efetiva e afetiva em relação ao Outro. Mas, como o mundo raramente se comporta como nós gostaríamos que ele se comportasse, o sofrimento é inevitável.

REFERÊNCIAS

- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Levy, 1991.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14.
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.
- _____. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21.
- LACAN, Jacques. *A angústia*. Seminário inédito, 1962-1963.
- MELMAN, Charles. Evaluation de l'action des drogues. *Le Trimestre Psychanalytique*. Publication de l'Association Freudienne Internationale, 1997/2.
- Voir Centre d'études des revenus et des coûts. Les Français et leur revenus. Le tournant des années 80, La Documentation française-La Découverte, Paris, 1989. In: EHRENBERG, A. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Levy, 1991.